

27.4.49

GOVERNOS

RUBEM BRAGA

Um navio grande, novo e bonito, acaba de perder-se. O que nos corta o coração. O mundo tem poucos navios, depois da guerra. E o mundo está precisando de muitos navios para transportar a inquietação de seus filhos. Dizem que há uma cidade na Suécia ou não sei onde, onde ninguém paga passagem de bonde nem ônibus. Como o cidadão paga imposto e as finanças da Prefeitura são boas, o transporte urbano é gratuito.

Não nos será permitido sonhar com um mundo igual a essa cidadezinha da Suécia? Se todos os países gastassem menos com exércitos, marinhas, e armas e munições, eles poderiam fazer, juntos, uma frota enorme de aviões e navios de graça. A humanidade em férias passearia à procura de si mesma. Essa triste humanidade que hoje vive presa em suas fronteiras como em jaulas, presa pela pobreza e pela política.

Que dirão de nós nos tempos do futuro? Que dirão destes tempos em que milhões de seres humanos estão proibidos de pisar neste ou naquele território e não existe afinal um único cidadão livre? Quem é herói neste paralelo é bandido naquele; o

santo deste meridiano é o monstro do outro. O estrangeiro é antes de tudo o suspeito, o que tem de ser interrogado, extorquido, examinado. É o bárbaro que vem talvez destruir nossa civilização. A humanidade faz cada dia um juízo pior de si mesma, e a acreditar no que cada povo diz de outro estamos em um planeta habitado, de polo a polo, por criminosos ou idiotas.

Penso naquela aldeia de um litoral paulista, que se dividiu, a certa altura do século XVIII, em brigas tão longas e fundas que o Governo da Província para lá mandou um homem para ver quem tinha razão. Esse homem devia entregar o poder, no lugar, a quem ele julgasse honrado. A história é perfeitamente verdadeira, e foi extraída dos documentos do tempo por um escritor que já não me lembra, mas suponho que seja Martim Francisco. O agente da autoridade passou alguns dias no lugar e fez questão de ouvir a todo mundo. Resultado: mandou dizer ao governo que enviasse para lá alguém de fora, pois na localidade não existia uma só pessoa honesta.

Se o governo do Sistema Solar mandasse alguém à Terra, e esse alguém ouvisse todo mundo, certamente ele diria depois ao Imperador do Sol: "percorri o planeta, Senhor, e tendo ouvido todos os seus miseráveis habitantes, devo dizer que, a acreditar nêles mesmos, não existe nenhum que preste ou sirva...".

Mas é provável que não exista nenhum governo em nosso Sistema Planetário; e se existe, com certeza, não presta...

124